



**XXXIII SIC** SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2021  |
| <b>Local</b>      | Virtual   |
| <b>Título</b>     | O gênero (des)habitado  |
| <b>Autor</b>      | JÚLIA MEINHARDT CARDOZO   |
| <b>Orientador</b> | ANALICE DE LIMA PALOMBINI   |

## O gênero (des)habitado

O projeto de extensão Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública (ATnaRede) atua de maneira interdisciplinar, oferecendo uma prática clínica junto a usuárias/os dos serviços de atenção psicossocial e intersetorial de Porto Alegre, acompanhando-as/os em suas experiências cotidianas, possibilitando a ampliação de vivências no âmbito social, na perspectiva da desinstitucionalização. Diferentes atores compõem essa prática de cuidado em liberdade - as/os acompanhantes, as/os acompanhadas/os e suas redes de relações e serviços de referência, cujos corpos se veem atravessados, tanto pelos estigmas da loucura e do capacitismo, quanto por relações de raça e gênero, que são estruturantes e estruturais na sociedade brasileira, modos de ser e existir. Assim, em relação às mulheres acompanhadas, escutamos narrativas similares, fatos recorrentes, repetições que se passam com elas e que não constituem uma ocasionalidade singular, mas reflexo institucional do sexismo operante. Com a leniência do Estado, distintas mulheres foram estupradas, mortas ou trancafiadas em hospitais psiquiátricos, na justificativa de que não performaram adequadamente seu gênero. Marcadas como loucas, seguem, na atualidade, tendo suas falas desqualificadas e infantilizadas em serviços que perpetuam lógicas manicomiais e misóginas. Baseadas na ideia de escrevivência de Conceição Evaristo, construímos uma narrativa fictícia inspirada nessas mulheres que o projeto ATnaRede acompanha. Entendendo que narrativas singulares podem remeter a experiências coletivizadas, propomos a discussão do impacto do gênero nas relações de sofrimento dessas mulheres e na forma como esse sofrimento é lido socialmente como anormalidade, como uma loucura que deve ser tratada. Como o AT, que possibilitou um espaço de cuidado integral dessas mulheres, que puderam se identificar como sujeitas merecedoras de direitos, ao escrevermos a vida dessas mulheres geramos visibilidades para suas histórias, reinventamos realidades e reafirmamos modos de resistência. Este trabalho corresponde à terceira de três passagens do nosso percurso peripatético sobre o assunto.